



NORA ROBERTS

"Melhor é impossível" - New York Times



*Um Natal
em Ardmore*

*Uma prenda da Chá das Cinco
para todas as fãs do Clube Nora Roberts*



A vila de Ardmore estende-se ordeira ao longo da costa de County Waterford com as águas azuis do Mar Céltico a rodearem os seus pés. As colinas e penhascos pairam sobre ela, verdes mesmo no escuro do Inverno. Alguns dizem que quando o ar está sereno e as estrelas brilham como diamantes reluzentes no céu nocturno, um ouvido apurado consegue apanhar o som de flautas e gaitas a tocar vindo da plataforma sob o monte das fadas onde fora erguida uma bonita chalé.

Alguns sabiam que a música era real, e que tocava para amantes.

Mas na véspera de Natal, o ambiente estava longe do sereno, e a música que irrompia para o ar gelado invernal era feito de mãos e vozes humanas.

O Pub de Gallagher estava cheio de amigos, família e os clientes habituais. Era a única noite do ano em que o pub

fechava as suas portas cedo, e aqueles que viviam no *Old Parrish* invadiam o espaço para celebrar a ocasião com bebidas e canções.

Atrás do bar de castanheiro, Aidan Gallagher enchia as canecas e mantinha três conversas ao mesmo tempo, com a habilidade e prazer típicos de um taverneiro. Na outra extremidade do bar, o seu pai fazia o mesmo.

Era bom, pensou Aidan, ter os seus pais em casa por algum tempo. E era bom trabalhar no bar desta forma com o homem que tinha passado o Gallagher para as suas mãos. Conseguia ouvir a voz da sua mãe numa canção enquanto embalava no joelho Ailish, a sua filha, a luz da sua vida. E enquanto preparava uma outra Guinness com uma mão, e trocava com a outra, conseguia ver a sua mulher, Jude, a mover-se por entre a multidão para anotar pedidos.

A avó de Jude sentava-se ao lado da lareira de turfa a conversar com o velho senhor Riley e os sogros da sua irmã Darcy, os Magees de Nova Iorque. O ar estava perfumado com essa fragrância doce, com o aroma da cerveja espumante, e quando a sua cunhada atravessou a porta vinda da cozinha com uma travessa, o cheiro rico e forte do cozido do seu irmão Mulligan juntou-se à mistura.

— Estás quase de sete meses. — Disse Aidan, enquanto ela transportava a travessa através da passagem. — Não devias estar a carregar isso.

— Sou forte que nem um cavalo. — Afastou os caracóis ruivos e havia um brilho nos seus olhos. — E se ficar na cozinha com o Shawn mais cinco minutos, serei forçada a dar-lhe

na cabeça com a sua própria panela de cozido por me aborrecer tanto para descansar. Se eu quisesse descansar, já estaria sentada a descansar, não achas?

Afastou-se com a curva do bebé a criar um volume debaixo da sua velha camisa de trabalho. Aidan apanhou o olhar de Jude, acenou na direcção de Brenna para ter o assunto resolvido. Jude foi ter com Mollie O’Toole para lhe dar uma palavra rápida. Momentos depois, Mollie tinha a travessa na mão e a sua filha grávida sentada numa cadeira.

Então está tudo bem no mundo, pensou Aidan. Ou quase. Tinha saudades de ver uma certa pessoa a mover-se por entre a multidão, a servir canecas e taças, a juntar a sua voz à música. Sem a sua irmã Darcy a discutir com Shawn, a flirtar com os clientes ou junto ao bar para uma troca de palavras, O Natal não era o mesmo.

Ela tinha a sua própria vida, lembrou-se a si próprio. Um novo marido, uma nova carreira. Nos três meses que decorreram desde o seu casamento, ela viajara pelo mundo como sempre quisera. E em primeira classe. Sentia-se feliz por ela, contente por estar bem e por o homem que ela amar ser uma pessoa que podia respeitar, ser alguém que considerava um amigo.

Mas, bolas, tinha saudades dela.

Claro que ela não estava apenas a viajar e a cantar em suites de hotel. Estava a trabalhar e a trabalhar no duro. A sua voz podia ser um dom natural – era sempre assim com os Gallagher – mas gravar para um homem como o Trevor Magee não seria nenhum passeio pelo parque, Aidan tinha a certeza.

— Três Harp, dois licores de gengibre, uma Guinness. —

Jude tocou-lhe a mão antes que ele alcançasse os copos. — O que te entristeceu agora?

— Não estou triste. Pensativo talvez. Tenho saudades de Darcy.

— Estarão cá amanhã, o mais tardar no próximo dia. — Fez uma pausa. — Mas não é o mesmo.

— Não é, não. É ótimo ter aqui comigo a minha mãe e o meu pai, e a tua avó, os pais de Trevor. É o primeiro Natal da Ailish. — Olhou de novo para a filha, embalada nos braços da sua mãe. E o seu coração regozijou. — É mais do que suficiente para qualquer um.

Não para ti, pensou Jude, não no Natal. Não para um homem com um tal amor profundo pela família e com uma necessidade tão forte por tradição. Ela amava-o por isso. Tinha sido Aidan quem trouxera todas as caixas de decorações para o pub, para a casa deles. E ambos os sítios que eram tão importantes para ele, e para ela, estavam vivos no feriado.

Luzes brilhantes estavam penduradas no beiral lá fora, no interior das vigas. Um pinheiro pequeno estava enfiado num canto e a transbordar de ornamentos. Podia-se ver um Pai Natal sorridente no bar a segurar uma caneca de vidro, e um trio de anjos voava defronte da janela da frente. Havia sinos de trenó na porta e renas no telhado.

Estava de costas viradas quando esses sinos de trenó tocaram, por isso não viu quem entrou, nem o sorriso radiante da sua mulher ao lado. Mas ouviu a voz a entoar o refrão do *I'll be home for Christmas* e virou-se para ver Darcy a tirar a sua filha do colo da sua mãe.

Abraçou a bebé de encontro a si, e dirigiu-se ao bar. Aidan saiu do bar, e encontrou-a a meio do caminho. Depois levantou-lhe os pés do chão.

— Estava com saudades tuas.

— Não me faças chorar. — Murmurou. — Vou borrar o meu rosto com a maquilhagem.

— Sempre foi um rosto bonito.

Ela libertou-se do abraço, e sorriu. — O teu também. Tinha que voltar para casa. — Enleou-o com o braço livre, e pressionou o seu rosto contra o dele. — Tinha que acordar na manhã de Natal em Ardmore. — Esboçou um sorriso feroz ao ver por cima do ombro dele Shawn a sair da cozinha.

— Já não era sem tempo. — Disse ele. — Estes pedidos não vão servir-se sozinhos.

— Desculpa-me um minuto, está bem? — Ela passou a bebé para Aidan. — Não me sentirei em casa enquanto não tiver atirado qualquer coisa na cara do Shawn.

Porque ela não tinha nada à mão, lançou-se a ela própria contra ele no minuto em que Shawn atravessou o bar. Daí a instantes, estavam a dançar.

— Obrigado por a trazeres de volta. — Disse Aidan a Trevor.

— Era onde ela precisava de estar. — Trevor acariciou com um dedo a bochecha da bebé enquanto olhava para os seus pais, e para as pessoas à roda do pub que se tinham tornado a sua família. — Onde ambos precisávamos de estar.

Mais tarde, quando o pub fechou, era a casa Gallagher que rebentava pelas costuras com pessoas e canções. Uma grande taça de prata continha cidra quente, uma bebida quente típica ser-

vida no Natal, que Jude fizera a partir de uma receita do Shawn. Passaram entre eles a bebida em copos, enquanto os Gallagher, ao jeito dos Gallagher, faziam música com o piano e violinos, com as vozes e acordeões.

Na janela da frente, a grande árvore estava toda iluminada, e por baixo estavam amontoados presentes em montanhas brilhantes. Entre as canções, contaram-se histórias, e entre ambas soltaram-se risos.

Mas estranhamente, Aidan sentiu que estava alguma coisa a faltar.

Ele próprio foi deitar a bebé, debruçando-se sobre ela muito depois de a bebé entrar no mundo dos sonhos.

— No próximo ano, — murmurou, enquanto se inclinava uma última vez para lhe dar um beijo na face, — saberás melhor o que se passa à tua volta. Não é apenas barulho e pessoas e presentes. É família e raízes e é magia. É a única noite por ano em que todos compreendem que há magia no mundo.

Quando a deixou, não viu o móvel de fadas sobre o seu berço a brilhar e dançar. Ou o sorriso sonolento da sua filha.

Era quase meia-noite quando Darcy puxou-o para o lado.

— Vai buscar a Jude, e vamos lá para fora.

— Lá fora está frio, aqui está quente.

Ela retirou-lhe a taça de cidra antes que ele pudesse beber. — Lá fora, — insistiu. — Em frente da casa. — Antes que ele pudesse discutir, ela afastou-se para arrastar Shawn do piano.

— É fácil para ti aguentares com o vento, — queixou-se Brenna quando seguiu Darcy para o exterior. — No teu bonito casaco de peles. Está um gelo cá fora.

— Está? — Darcy sorriu e roçou o rosto pela gola suave.
— Não tinha notado. Oh, parem de se queixar todos por cinco minutos. Ergueu o rosto para cima. O céu estava claro como cristal com as estrelas a brilharem contra o firmamento negro.

Conseguia ouvir o mar, a batida de coração rítmica, e a música que tocava dentro da sua casa de infância, outro coração.

— Queria falar primeiro com a presença dos seis, — ela começou. — Todos fazemos parte de algo especial, e maior do que nós próprios. E isso permanece connosco – como este sítio e estas pessoas permanecem connosco – onde quer que vamos, o que quer que façamos. Temos Ardmore, o pub, e em breve, o teatro.

— Se vais fazer o raio de um discurso, não podes fazê-lo junto à lareira? — queixou-se Shawn.

— Caluda, sua cabeça de alho chocho. — Darcy expirou fundo. — Amo-vos a todos, — ela continuou. – Mesmo esse tolo aí. Por isso queria a presença dos seis aqui fora quando der ao Trevor a sua primeira prenda de Natal.

Ela virou-se para ele.

— Foi aqui fora, lá em baixo na praia que finalmente usaste esse teu cérebro inteligente e pediste-me em casamento. O amor que sentimos um pelo outro juntou as nossas vidas, uma vez e para sempre, e quebrou um feitiço de trezentos anos. Mas como acho que esta malta não deseja ir lá abaixo, contento-me em ficarmos aqui, fora de casa, onde podemos ouvir o mar. Pára de bater com as botas no chão, Brenna, é só mais um momento.

— Então despacha-te. O meu cu está a ficar congelado.

Ignorando-a, Darcy tomou a mão de Trevor.

— Há presentes para ti lá dentro, embrulhados em papel bonito. Vais gostar deles, pois conheço-te, e sei aquilo que te agrada. E é bom que haja suficientes presentes desses para mim também. Com objectos bonitos e brilhantes no seu interior.

— Podes contar com isso, — disse ele com um sorriso. — Pois eu conheço-te, e sei o que te agrada.

— Tenho um presente para ti que nos irá agradar a ambos ainda mais. Também está embrulhado e, modéstia à parte, num pacote muito atractivo.

Com os olhos fixos nele, ela pôs a mão dele na sua barriga. Ouviu a exclamação de surpresa de Jude antes de ver os olhos de Trevor a iluminarem-se de compreensão. E um instante depois, a alegria tomou conta do seu rosto. Apanhou-a nos seus braços, rindo-se enquanto lágrimas escorriam pelas faces de Darcy.

— Acho que ele gostou. — disse ela.

— Quando? — Ele mal conseguia pronunciar a palavra, inundado como fora pela emoção.

— No final do Verão. Irei ter o teu filho no final do Verão. Meu Deus, estou tão feliz. Vamos para dentro e contar aos outros, mas tinha que te contar desta maneira – com a presença dos seis.

— Passa-a para cá, — exigiu Shawn e puxou-a para um abraço. As lágrimas e risos continuaram enquanto ela passava de um abraço para outro. Depois foi a vez de Aidan pôr os braços à sua volta.

— A minha menina, — murmurou. — Oh, essas lágrimas. Alguém me dê um maldito lenço.

— Olhem, — disse Jude calmamente e apontou para o

céu no momento em que os sinos da Igreja da aldeia tocavam à meia-noite.

Além, cruzando o céu negro como cristal, havia um risco de prata. O cavalo alado voou, com um homem e uma mulher sentados no seu dorso. Sobre a batida do mar, veio o som exultante de flautas. Observaram quando a mulher virou a cabeça, e quando o homem se inclinou sobre ela. Quando se beijaram, uma chuva de jóias – diamantes, pérolas, safiras – caiu na escuridão do mar, soltando faíscas.

Enquanto voavam sobre os penhascos numa noite que se tornara brilhante, Aidan sentiu a última peça a encaixar-se no lugar.

— Agora sim, está perfeito, não está? — Tomou a mão de Jude e levou-a aos lábios. — Feliz Natal. Para todos nós.

*E isso mesmo, Feliz Natal...
são os votos da Chá das Cinco para todos as
leitoras e leitores do Clube Nora Roberts*

